

# História jogada no lixo

João Barreto

Apesar do valor histórico e psicológico, plasticidade, potencial turístico e outras variantes, os monumentos históricos tombados no Estado estão jogados às traças. Só não faltam interessados em recuperá-los. Apenas dinheiro e falta de informação.

Isto está visível na desesperança (apesar do desejo de mudança) de algumas pessoas ligadas à preservação. De olho nas questões ligadas ao valor histórico e artístico destes monumentos, o artista plástico e estudante de publicidade Sérgio Dias prepara um catálogo com as obras mais significativas do patrimônio ambiental urbano.

São comuns as indicações de visitação, quando, na verdade, pouco se sabe de sua história e muitas vezes o local é intransitável. Um exemplo é o Convento de São Francisco, na Cidade Alta, sempre citado, apesar de depredado e com uma fachada enganosa.

“O Convento está entregue às baratas, fechado. Na parte anexa, o pessoal da Cúria colocou umas lajotas, descaracterizando a obra. Você só pode observar de fora. Tem muita sujeira e mendigo dormindo”, comenta Dias.

Outro exemplo citado por Sérgio é o da Igreja de São Gonçalo, também na Cidade Alta. “Construíram a parede do Colégio Objetivo ao lado da Igreja. Ninguém percebe que é proibido, por que causa danos, inclusive rachaduras”, avalia.

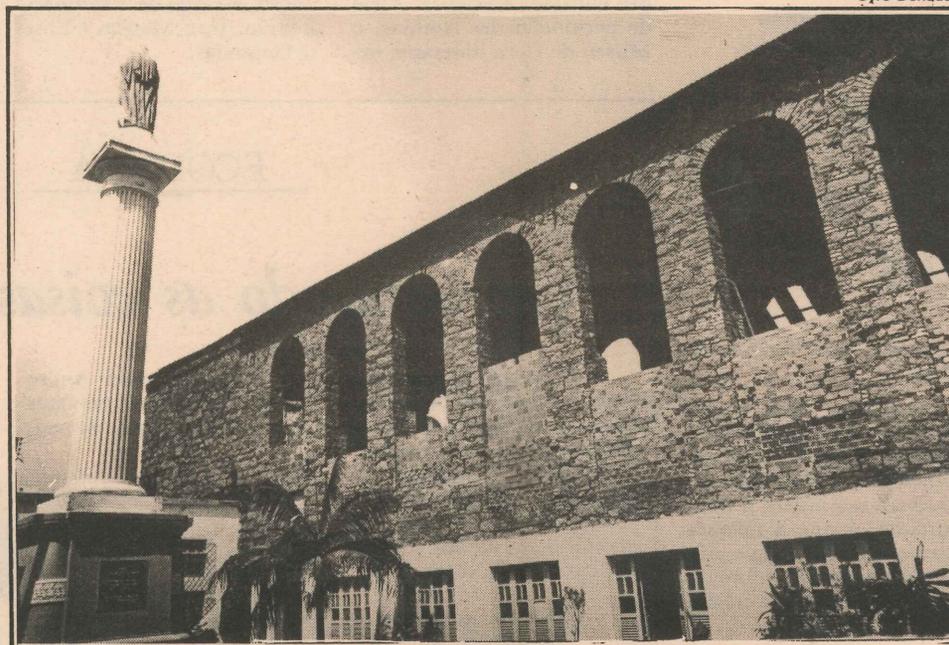
A igreja de São Gonçalo possui peças de valor histórico inestimável, como imagens trazidas pelos jesuítas, pertencentes anteriormente à Igreja de São Thiago, atual Palácio Anchieta.

“Até mesmo as pessoas ligadas às ordens religiosas são desinformadas, o que ajuda a dilapidar a obra, como se não fosse de interesse da igreja”, reclama.

No Espírito Santo

existe uma lista de 12 monumentos tombados pelo SPHAN (Secretaria de Patrimônio Histórico Artístico Nacional). Os outros são patrimônios estaduais. O escritório do SPHAN no Estado funciona precariamente no Centro de Artes da Ufes, com uma representante estadual, 2 estagiários mal pagos, pouca verba e muito trabalho.

O escritório está vinculado ao Rio de Janeiro, e como o Rio tem muitos monumentos, não sobra verba para o Espírito Santo. “Este ano tivemos a promessa de terminarmos a restauração da Igreja dos Reis Magos em Nova Almeida. A gente envia muitos projetos, mas não vem verba. O dinheiro dá no máximo para pagar os técnicos”, lamenta Maria de Jesus, professora de Patrimônio Histórico na Ufes e representante do SPHAN



Convento São Francisco: má conservação

no Estado.

Ela ainda reclamam que a falta de informação é

uma das grandes causas do atual estado de conservação das construções. A professora comenta que algumas construções próximas à Igreja do Rosário chegaram a ser usadas como depósitos de entulhos, no cemitério da Igreja.

Outro caso relatado por Maria de Jesus é o do Parque da Prainha. Antigamente, ao chegar em terra de lancha ou de barco, avistava-se a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário. A paisagem, agora, faz parte do imaginário popular. O parque cobriu uma visão de 500 anos.

O SPHAN tem se esforçado para o tombamen-

to da Igreja das Neves, em John Kennedy. O projeto de tombamento já foi enviado para o Rio, e posteriormente negado com base num parecer inexistente. Tenta-se, ainda, na es-

fera estadual. Enquanto isto, a Igreja vai sendo preservada apenas com o apoio da comunidade.

Segundo o arqueólogo e professor da Ufes, Celso Perota, autor de algumas descobertas arqueológicas importantes, os patrimônios reforçam a identidade. Por outro lado, ele ressalta que não só a falta de verba é problema.

“Aqui a comunidade espera que o governo preserve, mas não tem compromisso com o passado, como se não tivesse identidade com a cultura que o produziu. Poucas pessoas assumem este compromisso”, lamenta Perota.

Além de tudo, muitas iniciativas de restauração bem intencionadas descaracterizam os monumentos, causando perda do seu valor artístico e histórico. Espera-se, ainda, que a palavra tomar não seja usada em outro sentido.



Igreja das Neves: lutando contra o tempo

## Catalogar para preservar



Dias na "Via Crucis"

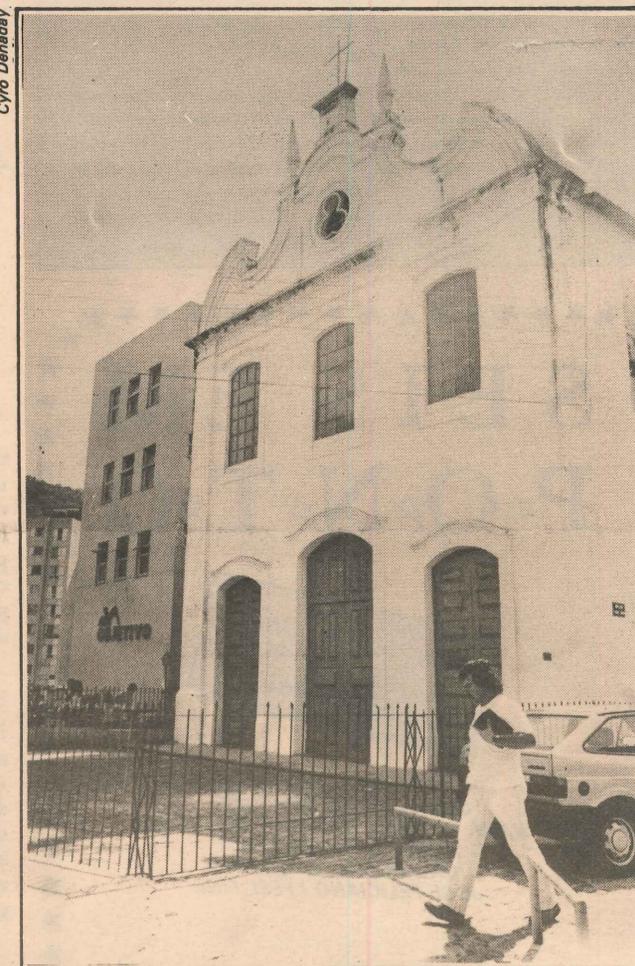
Fazendo um levantamento histórico, artístico e ambiental, Sérgio Dias prepara uma edição bilingue para catalogar as obras de maior representatividade do Patrimônio Urbano Ambiental. Por enquanto, o projeto leva o nome de “Via Crucis”

Dele constam três roteiros: antiguidade, colonização alemã e italiana. No momento, o pesquisador se ocupa do trabalho de levanta-

mento bibliográfico e fotográfico.

Um dos objetivos do “Via Crucis” é preencher uma lacuna referente à arte sacra para estudo do tema na literatura, artes plásticas, fotografia, arquitetura, história e áreas afins.

A iniciativa visa ainda auxiliar os órgãos no planejamento de roteiros turísticos e na conservação dos monumentos. Com certeza, o projeto é grandioso e exige um esforço ímpar.



Igreja São Gonçalo: descaracterização